



Programas de gestão
A solução mais completa e eficaz para a gestão da sua empresa.

Mestrados Bolonha
38 Cursos Humanidades, Saúde, Multimédia
www.ULusofona.pt

[Universidad de Málaga](#) > [Eumed.net](#)

Búsqueda de Google

☐ Web ☒ www.eumed.net

MENÚ COMPLETO

Servicios

 **Novedades**
- Suscribirse al Boletín de Novedades
Encuentros Académicos Internacionales
- Inscripción
- Solicitar Actas y certificados de participación

 **Enciclopedia en CD-ROM**

Enciclopedia Virtual

Grandes Economistas
Diccionarios - DICES
Presentaciones multimedia y vídeos
Manual básico

Biblioteca

Biblioteca Virtual
Biblioteca de Tesis Doctorales
Textos de autores clásicos y grandes economistas

Revistas

 O.E.Latinoamerica
 Entelequia
 Contribuciones
 TECSISTECATL
 OES-China
 OIES-Japon
 OIDLES
 TEPYS

Este sitio web está mantenido por


grupo de investigación (SEJ-309) de la



ENCUENTROS ACADÉMICOS INTERNACIONALES
organizados y realizados íntegramente a través de Internet

O Institucionalismo Americano – raízes e presente

Autor: Paulo Reis Mourão
(Assistente do Departamento de Economia da Universidade do Minho; Investigador Assistente do Núcleo de Investigação em Política Económica)
Morada: Departamento de Economia; Escola de Economia e Gestão; Universidade do Minho; 4700 Braga; Núcleo de Investigação em Política Económica (Universidade do Minho)
Correio electrónico: paulom@eeg.uminho.pt

Resumo: Este trabalho debruça-se sobre o institucionalismo americano, corrente do pensamento económico que tem observado uma atenção recente pelo mainstream académico. Para o efeito, principia por descrever os antecedentes históricos do institucionalismo (historicismo), sugerindo, em seguida, os traços preponderantes do institucionalismo fundador (de Veblen, Commons e Mitchell) e realçando, por último, os aspectos dos ramos actuais desta corrente, sobretudo mais próximos de Galbraith e Heilbroner.

Palavras-Chave: **Institucionalismo; Historicismo; Novo Institucionalismo**

1. Introdução

O presente trabalho partiu de uma discussão ocorrida numa aula de História Económica. Então, um aluno abordou-me na medida em que encontrara num documento de trabalho termos como Institucionalistas, Novos Institucionalistas e Institucionalistas Americanos. A dúvida localizava-se na precisão dos termos – referir-se-iam todos ao mesmo significado? Como resposta imediata, disse-lhe que “não”. E prometi-lhe, com detalhe, uma maior clareza num documento a desenvolver para o efeito. O resultado desse compromisso é este trabalho. Como resposta académica, é um pouco extensa. No entanto, procurei com este documento que alunos, sobretudo em aulas de História do Pensamento Económico, pudessem reflectir sobre uma corrente económica – o Institucionalismo – que tem possibilitado um extenso campo de reflexão da Ciência Económica no que tem de mais fundamental, elaborando um texto preciso, a partir do qual

Encuentros Académicos Internacionales en Internet

[Globalización Financiera](#)
5 al 23 de octubre de 2007

[Migraciones, causas y consecuencias](#)
6 al 24 de noviembre de 2007

[Simposio Integración cultural](#)

Este texto fue presentado como ponencia al
PRIMER ENCUENTRO INTERNACIONAL SOBRE
Historia y teoría económica
celebrado del 6 al 24 de abril de 2006

Esta página muestra parte del texto de la ponencia, pero carece de las tablas o imágenes o fórmulas o notas que pudiera haber en el texto original.

[Pulsando aquí puede solicitar que le enviemos el Informe Completo y Actas Oficiales en CD-ROM](#) que incluye todos los debates en los foros, la lista de participantes, con indicación de sus centros de trabajo y los documentos que se presentaron en el Exhibidor del Encuentro.

Si usted participó en este

BIBLIOTECA SELECTA DE LA HISTORIA ECONÓMICA Y SOCIAL DE LATINOAMÉRICA



libros y textos, seleccionados, editados y organizados en un CD-ROM por **eumed.net**
Una selecta biblioteca por solo 10 euros (todo incluido).
[Pulse aquí para ver detalles de su contenido y forma de pedido](#)

Biblioteca Selecta de Política, Historia, Economía y Sociedad de México



48 libros, seleccionados, editados y organizados en un CD-ROM por **eumed.net**
Una selecta biblioteca por solo 10 euros (todo incluido).



encontrassem referências para uma discussão mais ampla. Ainda que seja demasiado simplista esboçar uma definição de Institucionalismo, por razões de operacionalidade identificar-se-á no presente documento Institucionalismo com uma escola do pensamento

económico, o Institucionalismo Americano, que na esteira dos fundadores Veblen, Commons ou Mitchell, rejeita a racionalidade ilimitada dos agentes assim como princípios motores do comportamento dos mesmos agentes económicos assentes na maximização da utilidade individual. Tentar-se-á, ainda, confrontar opiniões contrárias com as dos próprios autores institucionalistas que, segundo uns, se afirmaram como dos grandes renovadores do pensamento e da metodologia económica, e, segundo outros, não passaram de sectários heterodoxos do mesmo pensamento económico. A importância deste tema prende-se ainda com uma tentativa de melhor compreender a tendência actual do pensamento económico, o porquê da persistência das ideias desta corrente, a razão da sua utilização por autores, inclusivé, antagónicos, como os neoclássicos. Iniciar-se-á por uma breve situação histórica do pensamento (Secção 2), progredindo para as ideias mestras do Institucionalismo Americano na concepção original, onde avultaram Veblen, Mitchell e Commons (Secção 3), terminando o 'opus' temático por uma aproximação temporal com a visão dos actuais 'discípulos', como Galbraith e Heilbroner (Secção 4). A Secção 5 conclui.

2. As raízes do Institucionalismo Americano: o historicismo

Esta secção procura identificar a contextualização metodológica do institucionalismo americano.

Como Taylor (1990: 120) ou Mises (1957) nos referem, a comparação histórica enquanto método preferencial de análise científica da sociedade tinha diversos adeptos no século XIX nas personalidades de economistas como Sismondi, Saint-Simon ou List. Inclusivé Marx, como referido por Ollman (1993), em diversos momentos da sua reflexão, combinara a Abstracção e a Dedução com a História. É, pois, num ambiente onde Hegel, Comte e Savigny imperavam metodologicamente que, na Alemanha, começa a desabrochar uma concepção diferente da Economia, no século XIX: a escola histórica. Desde logo, os "históricos" criticam o peso das abstracções e generalizações dos clássicos. Para eles, os povos, em permanente transformação, levam neste ritmo as suas instituições e, com elas, o próprio conhecimento científico que não poderá ficar terminado em modelos estáticos; logo, seria escandaloso para estes académicos a subserviência às ideias universalistas dos clássicos – pelo contrário, advogam uma espécie de permanente adaptabilidade às circunstâncias do meio e das suas envolvências. Os factos sociais só poderão ser devidamente compreendidos se apelarmos à participação nesse processo da ciência histórica.

Sugerem, por isso, a uma atitude relativista do conhecimento, reconhecendo a perene transição das pessoas, das instituições e das ideias.

Os liberais da segunda metade do século XIX, talvez com excepção singular de Stuart Mill, não se mostravam permeáveis à inserção de grandes mudanças epistemológicas e metodológicas. Os históricos encontraram, pois, a oportunidade de surgir nos estudos universitários como defensores de uma ordem que

Encuentro, le enviaremos a la vez su certificado en papel oficial.

[Pulse aquí para ver detalles de su contenido y forma de pedido](#)

[Vea aquí los resúmenes de otros Encuentros](#)

[Internacionales como éste](#)

[VEA AQUÍ LOS PRÓXIMOS ENCUENTROS CONVOCADOS](#)



estrados universitários como advogados de uma ordem que, efectivamente, surpreendia, não só pelos avanços permanentes da técnica, mas também das diversas revoluções científicas.

O “historicismo” foi, então, uma corrente do pensamento económico, que procurou conciliar a História com a Economia e a Sociologia, num ‘cocktail’ rico de espírito insubmisso, mas também repleto de contradições internas, que o ramificaram em várias sub-correntes.

Uma dessas sub-correntes, a mais vigorosa segundo autores como Brue (2000), foi o Institucionalismo Americano que, actualmente, retém importantes adeptos com prestígio económico. Dele trataremos seguidamente.

3. As principais dúvidas do Institucionalismo Americano

Continuando na esteira de Taylor (1990: 127), a influência da “nova escola histórica”, predominantemente, do pensamento de Schäßle na América do Norte, resultou neste contexto académico por originar o aparecimento daquela corrente do pensamento económico que ficaria identificada como o Institucionalismo Americano, onde avultaram, então, nomes maiores como os de Veblen, Mitchell e Commons.

Em comum, estes autores, ao invés do determinismo do mercado, confiavam nos factores psicológicos como determinantes preponderantes dos fenómenos económicos, recorrendo, portanto, Veblen, Mitchell e Commons preferencialmente à indução, em detrimento da lógica ortodoxa, procurando uma visão dos agrupamentos e das instituições no lugar do individualista homo economicus do Marginalismo. Contrastam ainda com os clássicos e os socialistas porque, em vez de se preocuparem com o valor do trabalho, colocam a tónica nas previsíveis consequências da produção no mercado. Logo, são as instituições que orientam o mercado, e não o somatório de produtos mensuráveis. Esta envolvimento provoca, em acréscimo, um estímulo aos estudos realistas, monográficos, e uma nova atenção sobre as condições reais da vida económica.

Parafraseando Commons, citado em Taylor (1990: 128), uma descrição aproximativa da proposta institucionalista, estipula que: “O tema central da economia deve ser a conduta (behaviour); a conduta em face do preço é importante, mas somente quando considerada como parte da conduta económica geral. (...) deve-se considerar o papel do costume, do hábito e da lei na organização da actividade económica como elemento fundamental na análise [d donde verificamos também o importante papel da evolução do direito nesta problemática] (...) o conceito de equilíbrio económico normal como base do processo económico deve ser posto de parte e os desequilíbrios económicos não devem ser considerados como desvios de uma anterior estabilidade; a análise da vida económica tem de ter em conta as afinidades entre as várias ciências sociais”. Na anotação de G. Pirou, constatamos o importante contributo dos institucionalistas para o estudo descritivo dos “quadros” da vida económica, embora deixe algo a desejar na compreensão dos “mecanismos” da vida económica, aproximando-se do abismo do pontualismo, do circunstancialismo, da inexistência de conceitos definidores num sentido lato, logo, ameaçadores do próprio sentido do conhecimento económico, como em Knight (1924).

Como Blaug (1992: 354) também refere, os institucionalistas americanos encaravam com cinismo toda a panóplia de curvas de produtividade, indiferença ou de custos, que a revolução marginalista tinha colocado ao dispor da comunidade científica, e justificavam com a permanente dúvida de que oscilações nos preços levavam a mudanças nos próprios produtos, na medida em que a reacção do consumidor alterava também. Por isso, a economia deveria ser mais encarada como algo de “economia biológica”, na parte de crescimento dos sistemas, permanente interacção entre estes e o meio, e no largo sistema de ritmos diversificados, padrões individuais e de comportamentos heterogéneos.

Mas, ao referirmo-nos a Veblen, Commons e Mitchell, estamos a

referenciar três autores coordenados, que estruturaram, desde logo, uma revolução mental? Para lá do alargamento possível da discussão a outras ciências, como o fizeram Hall e Taylor (2003), também Blaug (1992: 708) nos refere, que Veblen aplicava uma grande dose de visão sociológica na percepção dos empresários (chegando a adoptar parecenças evolucionistas próximas de Darwin), Mitchell era seduzido pelo universo estatístico e Commons procurava sustentar os seus trabalhos pela compreensão dos

princípios de jurisprudência submersos. Se Commons fez da realidade onde teve a ocasião de trabalhar estadualmente um laboratório de ensaios, já Mitchell viu o seu trabalho reconhecido enquanto estatístico federal, e Veblen resignou-se às cátedras universitárias. Mas, em comum, como Blaug (1992: 709) acusa, estas três personalidades tão distintas, sentiam-se insatisfeitas com o exagerado nível de abstracção da economia neoclássica (corrente aliás que terá impulsionado o Institucionalismo Americano como contra-reacção a esta), uma procura de integrar a economia noutras áreas do conhecimento, e renegação do empiricismo casual dos clássicos e neoclássicos. Reclamavam-se contra a implicação de que a concorrência perfeita tendia, mesmo debaixo de certos condicionalismos, para resultados óptimos. Veblen, por exemplo, entendia as instituições como um complexo de hábitos de pensamento e de comportamentos padronizados. Commons, por outro lado, analisou as regras de trabalho que governavam as transacções individuais.

Talvez, por isso, somos levados a reconhecer com Blaug que os institucionalistas nunca conseguiram fugir da fama de anti-ortodoxos pelo gosto de contrariar pura e simplesmente, e de que o termo 'institucionalista' no jargão económico apele a um significado preferencialmente de 'descritivo', quando não o encontramos, na sua significância mais abrangente, como um adjectivo que se aplicaria a muitos economistas que nem o conceberam, como Marx, Pareto e Webbs.

Podemos assim planificar, em síntese, quais os princípios estruturantes dos institucionalistas americanos sobre o funcionamento dos mercados, seguindo três dos mais eminentes investigadores do tema, Eggertsson (1990), North (1990) e Williamson (1998):

- negação das verdades "absolutas" e incontornáveis dos pressupostos clássicos e neoclássicos sobre o mercado (como a natureza da dotação factorial, a condição 'ceteris paribus', e a consideração da variável 'preço' como fundamental);
- valorização dos factores históricos, sociais e institucionais (e não meramente quantitativos ou dados);
- reconhecimento da mudança permanente que afecta a estaticidade clássica dos mercados / preferência por modelos dinâmicos;
- complexo sistema de influências entre indivíduos/instituições/sociedade (a análise bidimensional revelava-se demasiado escassa para as pretensões institucionalistas);
- medida empírica dos ciclos de comércio (na procura de compreensão dos ciclos comportamentais das empresas);
- explicação metodológica da economia através da história e das relações institucionais (e não meramente por pressupostos generalistas e exclusivistas);
- recurso à indução na metodologia de análise;
- procura de uma visão dos agrupamentos e das instituições no lugar do individualista homo economicus do Marginalismo;
- tónica nas previsíveis consequências da produção no mercado (e não no 'mercado' em si);
- focalização na conduta dos agentes participativos (e não valores abstractos como o preço, por exemplo);
- e procura de integrar a economia noutras áreas do conhecimento (como a sociologia, o direito ou a história).

Mas será que, efectivamente, o Institucionalismo Americano não terá passado de uma corrente do pensamento económico, que contrariava a posição dominante do 'neoclassicismo', contida entre os apologistas do início do século e a revolução de Pareto?

A esta pergunta, tentaremos responder em seguida:

4. Os novos “Institucionalistas” e as suas dúvidas quanto ao funcionamento dos mercados

O título acima, para um observador mais desatento, poderia começar por “Os ‘novos institucionalistas’...” e conduzir a uma relação errada de entendimentos. Porque convém, desde já, colocar esta destrinça: por “novos institucionalistas” compreende-se

aquela corrente de pensadores económicos, que procuram explicar as instituições políticas, económicas, históricas e sociais, como o governo, a justiça, os mercados, as empresas, as convenções sociais ou as famílias, nos termos da Economia Neoclássica, o que se afirmaria como o oposto da corrente Institucionalista de Veblen, Mitchell e Commons. Só a título de curiosidade, encontramos nomes tão dispersos, mas também reconhecidos, inclusive laureados com o Nobel da Economia, como Coase e Becker, entre outros tais como Williamson, Buchanan e Mincer, apelidados, portanto, de ‘novos institucionalistas’.

Mas, o que nos interessa neste momento, é referirmos aqueles que, à semelhança de Galbraith ou Heilbroner, reconheceram validade nos pressupostos institucionalistas e que os subscreveram, adaptando-os à modernidade. Esta nova corrente postula a imperfeição do mercado enquanto formada pela dimensão do mesmo: um mercado com um elevado número de agentes promove o anonimato recíproco; pelo contrário, um mercado com um reduzido número de agentes leva a que as relações sejam menos formais, entrando portanto mecanismos de distorção dos preços como as preferências individuais ou variáveis sócio-emotivas particulares. Prefaciam, portanto, a necessidade do controlo dos preços numa economia com poucos agentes na tentativa de desfazer o hiato temporal entre a prescrição do termo de troca e a sua aplicação prática bem como a dissociação entre os custos e a capacidade produtiva das firmas. Reconhecem ainda a permanência de desequilíbrios do mercado (como equilíbrios sub-óptimos, açambarcamentos, desfasamento permanente entre a oferta e a procura, ou a não correspondência dos preços) e o pressuposto da mobilidade limitada de recursos e factores, mesmo numa economia continental como a dos EUA.

Frank (1994: 440) ironiza ainda com Galbraith, na medida em que este inverte o sentido da sequência tradicional da procura enquanto estimulante da oferta e propõe uma sequência revista, numa revisão de Say – “é dizer que a mão invisível de Madison Avenue leva os consumidores a servir os interesses das grandes empresas”.

Hodgson (1994), autor do influente “Economia e Instituições: Manifesto por uma economia institucionalista moderna”, começa por dissertar sobre a metodologia da teoria neoclássica e do empirismo de Popper e depois, postula um “adeus ao ‘homem económico’”, perguntando qual o sentido do individualismo metodológico, criticando a hipótese da maximização e definindo o conceito racionalista de acção. Numa III parte do seu influente livro, este autor apresenta-nos quais os elementos de uma economia institucionalista: os contratos e direitos de propriedade. É deveras inovador na medida em que olha o mercado como, ele próprio, uma instituição regulada por normas, com os custos inerentes e limites de crescimento endógenos, terminando por professar, mais uma vez, a impossibilidade da concorrência perfeita. Como Heilbroner, investiga a problemática do sentido de uma economia pós-keynesiana, assim como reflecte sobre termos basilares, à semelhança de “necessidade” e “bem-estar”.

Outras obras que actualizam o Institucionalismo Americano, além das referidas de Eggertsson (1990), North (1990) e Williamson (1998), são as de Powell e Dimagio (1991) e Hall e Soskice (2002). De um modo sintético, para estes autores, os institucionalistas actuais focam:

- a imperfeição do mercado assente na variável dimensão;
- a possibilidade do controlo dos preços numa economia com poucos agentes;
- a permanência de desequilíbrios no mercado;
- a discussão sobre o pressuposto da mobilidade limitada de

recursos e factores;

- a proposta de uma sequência revista (complexidade entre oferta e procura);
- a negação do individualismo metodológico ;
- a crítica da hipótese da maximização hedonista enquanto motor do comportamento dos agentes;
- o recurso a novas áreas temáticas como os contratos e direitos de propriedade;

- a perspectivização do mercado como, ele próprio, uma instituição regulada por normas, com os custos inerentes e limites de crescimento endógenos;
- a impossibilidade da concorrência perfeita, bem como os custos da ausência de oligopólios competidores no mercado expressos no 'poder compensatório'.

Mas talvez a maior dúvida que ainda se coloque ao Institucionalismo permaneça no seu fim e na sua substância. Se é verdade que as doutrinas sobrevivem à custa do ímpeto dos seus defensores, também é verdade que para a sua existência é indispensável a delineação de um campo autónomo onde possam agir, de um domínio metodológico definido. Desde o momento em que a exploração de temas institucionais floresceu por parte de "Novos institucionalistas", que o Institucionalismo Americano se viu obrigado a ceder em vigor da sua face ortodoxa, repugnando qualquer abstraccionismo e generalização. Mas, nessa atitude, ameaçou a sua essência. Nessa atitude, perdeu terreno, perdeu domínio e vigor académico.

De acordo com a opinião de alguns críticos, como Blaug (1992), o Institucionalismo Americano não foi mais que uma sub-corrente epistemológica, dentro da Economia. Para outros, tratou-se de uma utopia acabada nas definições de ideais revolucionários mas demasiado presa a espaços próprios, como a realidade industrial norte-americana. Mas, para outros autores, à semelhança de North (1990), Ostrom (1995) ou March e Olsen (1999), terá conseguido embrenhar-se nos diversos campos das actuais teorias económicas mais influentes, sustentando-as numa atitude crítica que permitiu à Economia, como Ciência, reconsiderar domínios como a Política, a História ou o Direito.

5. Conclusão

Antes de mais, convém lançar um alerta: qualquer conclusão no mundo da discussão filosófica/epistemológica da Economia deve ser uma conclusão humilde, na medida em que somos forçados a reconhecer (como, aliás, no universo científico) a tangência diminuta entre as verdades absolutas, ou ditas 'absolutas', e as constatações recorrentes. Diríamos que o Institucionalismo morreu? Seria falso, porque vive, curiosamente, com um estranho vigor, nos seguidores neoclássicos de Chicago, por exemplo, que o reformularam e lhe atribuíram a consistência da verificação matemática.

Este contributo está presente em circunstâncias tão variadas como as do mercado. Ou, preferencialmente, como as dos mercados. O Institucionalismo Americano criticou, com alguma severidade, um mercado "poligonal" na medida em que está definido, delineado, pressuposto. A sua revolução consistiu em questionar o mercado nessa dimensão. Em reconhecer o papel especial de outros agentes, bem diferentes do "homo economicus" marginalista, maximizador da satisfação; em reconhecer equilíbrios precários – que Pareto chamou de sub-óptimos – , o papel das instituições, das suas relações internas, da importância das variáveis comportamentais, do meio, em resumo, o Institucionalismo expandiu o conceito de mercado e revigorou o universo económico.

Mesmo debaixo das críticas de que não passou de teorias incidentes em casos pontuais, em áreas localizadas, em realidades pré-concebidas, o Institucionalismo terá, pelo menos, provocado a discussão, o avanço, o caminhar para a frente. Se a sátira de Jonathan Swift fez corar metade dos seus contemporâneos, a sátira, por exemplo, de Voltaire, fez rir a outra metade dos

saura, por exemplo, de verien, rez pensar tres quartos dos académicos de então.

A discussão actual face à complexidade da sua influência é a marca mais visível do próprio vigor do Institucionalismo Americano.

Referências Bibliográficas

- Blaug, Mark; Economic Theory in retrospect; Cambridge University Press; 4th edition – 1992; 354, 355, 420, 708-711
- Brue, Stanley; The Evolution of Economic Thought; The Dryden Press (Harcourt College Publishers), 2000
- Eggertsson, Thrainn; Economic Behavior and Institutions: Principles of Neoinstitutional Economics; Cambridge University Press; New York; 1990
- Frank, Robert H.; Microeconomia e Comportamento; McGraw-Hill; Lisboa; 1994; 360n, 442-443
- Galbraith, John Kenneth; Uma teoria do controlo dos preços; Publicações D. Quixote; Lisboa; 1982
- Galbraith, John Kenneth; Economia e Bem Público; Publicações D. Quixote; Lisboa; 1978; 251
- Hall, Peter e David Soskice; Varieties of Capitalism; Oxford; 2002; 1-68
- Hall, Peter e Rosemary Taylor; The three versions of neo-institutionalism; Lua Nova; 58; 2003; 193-223
- Heilbroner, Robert; A formação da sociedade económica; Zahar editores; Rio de Janeiro; 1984; 148, 172, 176, 191n, 248
- Hodgson, Geoffrey M.; Economia e Instituições: Manifesto para uma Economia Institucionalista Moderna; Celta Editora; Oeiras; 1994
- Knight, F.; The limitations of scientific method in economics, in Tugwell, R. G. (ed.); The Trend of Economics; Alfred A Knopf; New York; 1924; 105-47
- March, James G., e Johan P. Olsen; The Institutional Dynamics of International Political Orders; In Katzenstein, Peter, Robert O. Keohane, e Stephen D. Krasner; Exploration and Contestation in the Study of World Politics; Cambridge; Massachussets; 1999; 303-329
- Mises, L. von; Theory and History: An Interpretation of Social and Economic Evolution; New Haven; Yale University Press; 1957
- North, Douglas; Institutions, Institutional Change and Economic Performance; Cambridge University Press; New York; 1990
- Ollman, B.; Dialectical Investigations; Routledge; 1993
- Ostrom, Elinor; "New Horizons in Institutional Analysis"; American Political Science Review; 89; 1; 1995; 174-178
- Powell, W. e P. Dimaggio; The New Institutionalism in Organizational Analysis; University of Chicago Press; 1991
- Taylor, Arthur; As grandes doutrinas económicas; Publicações Europa-América; 9ª edição – 1990; pg. 120-128
- Williamson, Olivier; The Economic Institutions of Capitalism; Free Press; New York; 1998

**[Pulsando aquí puede solicitar
que le enviemos el Informe
Completo en CD-ROM](#)**
**[Si usted ha participado en
este Encuentro, le enviaremos
a la vez su certificado en
papel oficial.](#)**

Los EVEntos están organizados por el grupo [eumed•net](#) de la Universidad de Málaga con el fin de fomentar la crítica de la ciencia económica y la participación creativa más abierta de académicos de España y Latinoamérica.

La organización de estos EVEntos no tiene fines de

[Zé Moleza](#)

O Maior e Mais Completo Site de Apoio Acadêmico de Portugal

www.zemoleza.pt

[Voos Super Baratos](#)

Promoções bilhete de avião Os preços mais baixos do mercado

www.TerminalA.pt

[Fundos de Investimento](#)

Invista com o BPI em mercados nacionais e internacionais.

www.bancobpi.pt

Anúncios Google

ENCUENTROS ACADÉMICOS INTERNACIONALES

Desarrollo Sostenible MPYMES Globalización
Gobernanza Turismo y Desarrollo Financiera
MIGRACIONES

[Volver a la página principal de eumed●net](#)